



Visado pela
Comissão de Censura

O Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XVII—N.º 419—Preço 1\$00
3 DE ABRIL DE 1960

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO * PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA * DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA * AVENÇA * QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

FACETAS DE UMA VIDA

Depois da carta publicada no número derradeiro vem a de 4/4/24, que se deu à estampa no jornal de 17 de Outubro do ano passado, ao relatar a Reunião dos nossos rapazes mais velhos em Miranda do Corvo.

A de hoje é datada de 11/4/24. Ela sublinha, com uma insistência proporcionada às dúvidas do amigo, o elemento sobrenatural que, contra toda a expectativa e lógica humanas, o torna verdadeiramente feliz: «Só lhe digo que sinto muito bem-estar e não sinto a falta de tudo que me falta. E também lhe asseguro que ninguém nas minhas condições havia de tolerar esta vida sem auxílio duma força oculta».

No decurso desta vida, então em princípio, não faltaram ocasiões a Pai Américo para expressar, por palavras e atitudes, que esta força oculta «não provinha do seu coração» naturalmente bondoso (como tantas vezes se ouviu).

Em seu coração bondoso, captava-a ele —isso sim!— a «força oculta» descida do Céu!

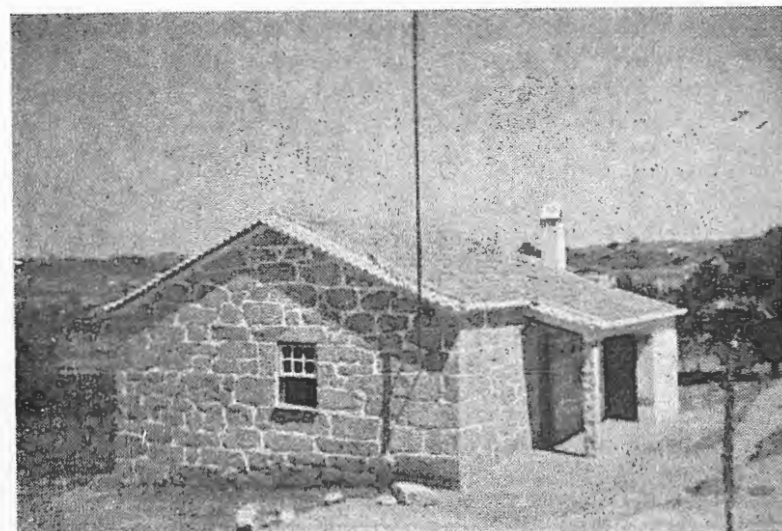
x x x

Você alarga-se muito nesta sua a que respondo, quando fala de mim e do que me diz respeito o que só exprime senti-

mentos de interesse e amizade. Eu vou também falar de mim mais um pouco do que talvez deva. É possível que essa entre-



Viseu não pára!
Eis dois belos aspectos de mais uma casa do Património que substitui outra barraca.



vista que teve ali com o B. o pusesse um pouco mais ao facto da minha presente situação, no que ela tem de material, bem entendido, e por este motivo deu já ter compreendido que a minha vida futura não é o encerrar-me numa cela e fugir ao convívio dos homens e do mundo. Não; é bem o contrário. E tem muita graça o que eu venho notando nas suas cartas e é que, V. sem ter uma ideia fixa do que eu pretendo e faço aqui vem alvitrando o que deveria ser e o que poderia fazer. E agora que ouviu possivelmente do B. e que eu faço e sabe por cartas últimas o que eu penso e quero, deve ficar um tanto chocado por ter notado a singular coincidência de as suas ideias virem exactamente ao encontro das minhas.

É assim mesmo, S.. Faz muito, e não nos é dado supôr quanto e como, o monge contemplativo que dentro das paredes da cela implora os favores de Deus para a humanidade inteira, mas também não faz pouco o que sai fora a semear a palavra do Evangelho e a levar conforto e carinho às almas que deles necessitam. É justamente isto que me proponho, mas para isso tenho que cauterizar a minha alma para poder falar mais tarde com virtude e consciência. Como eu tenho assentado todos os planos desta actual vida em bases sólidas de raciocínio e critério! Como todo o enredo é humano e concebível e como me tem saído certo o que eu antevia! Não, meu caro S.. Não creia que haja doídice, neura ou cousa semelhante nesta minha resolução. Como acima digo, as bases são de carácter humano e assimiláveis por qualquer, mas as consequências... não lhe digo que são divinas, para o não ofender e até para lhe dizer tudo não lhe digo nada, porque eu também nada percebo. Só lhe digo que sinto muito de bem-estar e não sinto a falta de tudo que me falta. E também lhe asseguro que ninguém nas minhas condições havia de tolerar esta vida sem o auxílio duma força oculta. Ninguém. Ficar muitas vezes sem ceia, por não poder trazer o que se me apresenta; levantar de madrugada, fazer a

Auto-construção

Havemos de dizer sempre: É um movimento de formação humana e cristã, oferecendo uma oportunidade a muitos rapazes trabalhadores ou homens recentemente casados e trabalhadores também, de virem a possuir sem mais encargos, as suas próprias casas.

Há um aspecto que desejamos hoje focar aqui. A equipe ou o grupo é composto sempre por elementos que não têm as mesmas qualidades.

Mas naturalmente, uns são mais competentes, e mais cuidadosos. Podem entrar para o grupo alguns aprendizes, um ou outro operário não especializado. A primeira ideia dos operários mais categorizados será de protesto.

—Nós não podemos aceitar aquele que nos é inferior.

Com muita bondade, com muita paciência, com muita compreensão, dando-lhes mesmo razão, temos de lhes dizer com decisão e com firmeza:

—Bem vêem os senhores, realmente, trabalharão mais um pouco que outros do grupo; as horas que os senhores dão valem

mais que as de alguns do grupo; mas também é verdade que os senhores estão a ser ajudados com um auxílio substancial. Portanto ajudemo-nos todos uns aos outros. Se um ou outro manifestar muito orgulho e rebelião, então poder-lhe-emos dizer: —Pois se o snr. não estiver disposto a prestar alguma ajuda aos seus camaradas menos favorecidos, também não receberá ajuda da organização.

Tudo isto requer muita calma, muito domínio próprio, mas também muita clareza e ao mesmo tempo muita firmeza.

x x x

Auto-Construção, já não é um movimento desconhecido. Recebemos os seguintes donativos: Um anónimo do Porto 100\$00; A. C. C. 50\$; de Lisboa, um escritor 100\$; uma viúva do Baixo Alentejo 50\$; da Amadora, 50\$00; da Madeira 50\$00; de Belo Horizonte 100\$00; 60\$ em três notas de vinte embrulhadas num papel com estas palavras: «gaste como melhor entender»; um Eng.º Agrônomo 100\$; um comerciante de Nova Lisboa 100\$; um Professor da Escola Industrial de Beja 30\$; uma casa comercial nas Avenidas Novas 100\$; um operário de Lisboa 40\$; um enfermeiro de Coimbra 50\$; uma Prof.ª primária de Fornos de Algodres 50; um modesto proprietário de Fornos de Algodres 50\$; Angola 86\$; outra vez Angola 100\$; Lisboa com 30\$; Lisboa com 40\$; Lisboa com outro tanto; ainda Lisboa com 100\$; Aguiar da Beira 40\$00; Aguiar da Beira outros 40\$00; ainda Aguiar da Beira com cem; uma criada de servir de Lisboa 50\$; um militar oficial de Coimbra 60\$; um velho emigrante em U. S. A. 140\$00 por meio da Caixa Geral dos Depósitos; do Montepio de Lisboa 3.000\$; dum funcionário do Hospital Sobral Cid de Coimbra 30\$00.

Padre Fonseca

OS peditórios e do modo como temos sido acolhidos quando nos apresentamos «ousadamente como padres *sem ouro nem prata*», dissemos no número de aniversário. E a palavra de Pai Américo que começamos a transcrever, continua: «sabendo que a eficácia da palavra que faz estremecer, provém, não deles (dos padres *sem ouro nem prata*), mas sim da total concordância entre o que dizem e o que realmente são».

De facto, a intenção primária que nos leva aos peditórios é *fazer estremecer*. Mais do que a colheita daquela hora é a sementeira do futuro que preparamos. E nem de outra maneira se explica o êxito, crescente, ano após ano, se ele é certo que nós dizemos sempre a mesma coisa, e nem somos oradores de nomeada... É o que Pai Américo previu: «...a eficácia da palavra (...) provém (...) da total concordância entre o que dizem e o que realmente são».

Vamos inquietar, acordar consciências para os seus deveres de cristãos; não de um cristianismo truncado, de água benta e opa, a pegar ao pálio; mas do *cristianismo total* que se não realiza sem heroicidade. Pois havia de ser o Mestre menos que o discípulo?! E poderia alguém redimir-se e redimir sem sangue, quando o Autor da Redenção o esgotou até que a última gota do Seu Coração foi água?!

Palavras amargas, custosas de ouvir, costumam ser as nossas.

Por isso o nosso auditório se divide entre os que rejeitam e nos propõem nomes de ideologias suspeitas (*Por amor deles*, dizemos com regosio: são uma minoria despreciada) e os que deixam inundar os seus olhos e rasgar as suas bolsas porque cheios e rasgados ficam os seus corações.

E não ficam para aquele dia! Ficam mais dispostos para o futuro. E a generosidade de hoje, repete-se cada vez mais amiúde, na medida em que cada um vai descobrindo que o que dá não lhe faz falta, antes quanto mais dá mais tem.

Bendito seja Deus por tantos e tantos que têm realizado tal descoberta e a vêm confessar maravilhados, agradecidos. Não foi senão para dar testemunho da infinita misericórdia do Pai Celeste que nós publicamos no número do aniversário alguns de muitos depoimentos de leitores que todos os dias nos chegam.

É por isto, que já perceberam que nós vamos mais para preparar a sementeira para o futuro que pela colheita presente, que tantos Párcos e Capelões nos abrem os braços e as portas das suas igrejas e capelas.

Um nos dizia há pouco: «Venham quando quiserem... Se quiserem todos os meses... venham».

Outro nos disse, o ano passado na Capital: «Vocês prégam doutrina! Se quiser vir para o ano!...»

Outro nos dizia, *antigamente*: «Eu tomo como uma benção a V. vinda aqui. Quando tenho um peditório especial, gosto que venham vocês primeiro».

Mas há quem não entenda assim. Há quem julgue que a Caridade cansa e corre o risco de se extinguir.

Mas o que é a Caridade? Melhor! Quem é a Caridade? Não é ela um nome próprio de Deus?! «Onde a Caridade e o Amor — não está aí Deus?»

E então Deus cansa-Se ou cansa? Deus extingue-Se?

Que importa que vá eu pedir e depois tu — se ambos fomos movidos pela força de uma necessidade autêntica e por amor da Verdade, da Justiça, da Paz?!

Porventura a Caridade que vamos procurar junto dos homens não é uma resposta sobrenatural, portanto devida como causa principal à moção de Deus?! E Deus não responde, porquê? Porque não pode? E a Sua Omnipotência?! Porque não quer? E a Sua infinita Bondade?!

«Esta é a vitória que vence o mundo: a nossa Fé».

E porque tão *teórica*, sobrenaturalmente; e tão *humana*, praticamente — o mundo tão mergulhado permanece na derrota!

Graças a Deus — por amor deles o digo com regosio! — são uma minoria despreciada.

A maioria do clero, nobreza e povo compreende. E compreendendo, ama. E amando, descobre o segredo e o gosto de amar mais.

É porque estamos cheios, *experimentalmente* cheios desta verdade, que nunca tememos que o início de uma obra nova (se necessária) fosse estorvar a vida das existentes.

Os *prudentes do século* visaram Pai Américo quando o Património dos Pobres começou a ser: «olhe que depois não lhe dão para a Casa do Gaiato»!

Quando foi do Calvário, a mesma coisa! E que diriam — se não tivessem desistido de dizer — da mão que damos às obras que não fazemos por nós mesmos, como a obra *seriíssima* que P.e Aires está realizando em Ordins, e a «Auto-Construção» e «Belém» e outras, possíveis concorrentes (no pensamentos dos tais *avisados*) que vemos crescer e multiplicarem-se tão encantados!

Se em muitas coisas Pai Américo foi grande, em nada maior que no seu *espírito de Igreja*: aberto à dimensão da Humanidade inteira, como Ela, a santa Mãe Católica, que espera de braços abertos o regresso de todos os filhos pródigos.

Que o Senhor nos livre sempre das «capelinhas»!

Que bom para o país, para a nossa cristandade, se a «revolução» pacífica que «O Gaiato» levantou há 16 anos e tem sustentado com tanto acolhimento se estendesse e atingisse todos os lares portugueses!

É este o pensamento que nos domina ao renovarmos o nosso apelo para que a *campanha de assinaturas* não sofra interrupção, nem desânimo.

Quanto ao «Gaiato», nem sequer há o estorvo do dinheiro. A sua assinatura não tem preço. Ou melhor, tem-no... Mas não é com moeda deste mundo. Nós não o negamos a ninguém que o *queira*. Essencial é só que o coração de cada qual se abra e seja disponível à comunhão nas alegrias e nas dores dos irmãos.

Dinheiro pela assinatura — é um *a propósito*, só para quem pode; e ainda assim apenas por acréscimo.

Não podemos deixar de inserir neste Relatório, não só pela importância do assunto como pelas referências de que tem sido alvo, em outros jornais e muitas cartas recebidas, os artigos que Ernesto Pinto tem escrito sobre a epígrafe «Filhos de Pai incógnito».

O tema é um clamor da Justiça. Pela pena do Ernesto é a Justiça que clama, sangrando das suas feridas e das dos seus irmãos *ilegítimos*. Por isso tão concreta, tão veemente, tão perturbadora tem sido a sua palavra. Oxalá ela chegue às altas esferas dos que têm em suas mãos os códigos, como tem chegado às almas de tantos, como a esta, segundo nos revela a carta que aí vai.

«O ler o «Gaiato», deixa no meu espírito algo de alegria e ótima disposição. É incomensurável o bem que espalha por toda a parte. É uma Obra de gotas que se transforma num oceano de benções».

Impõe-se aos olhos mais resistentes em campo de espiritualidade».

Todo o jornal é a Verdade pura. Admiro determinados assuntos como por exemplo «Filhos de Pai incógnito». Com toda a certeza que um país nunca se pode julgar civilizado enquanto aparecerem filhos a reclamarem o direito ao Pai».

x x x

Da nossa Editorial saiu em 1959 o 1.º volume do «Pão dos Pobres», reedição há muito pedida e esperada. Ele guarda todo o sabor virginal das primícias sacerdotais de Pai Américo no apostolado das Obras de Misericórdia que foi a sua vocação. É «evangelho sem glosa». O que Pai Américo escreveu, e só, sem interpretações tendenciosas, que fazê-las não é sério.

O ano de 1960 há-de ver a reedição do 2.º volume, que já estaria pronto, se não fora o entupimento da nossa encadernação, a qual não conseguimos ainda que desse escoamento ao caudal da impressão.

Colónias de Férias

As novidades este ano foram: a inauguração da nossa casa de Azurara, que de tão boa tem servido já e continuará a servir de pequena casa de retiros, e a primeira colónia feita por Padre Acílio em Porto Covo, perto de Sines, com um êxito de simpatia que fez vibrar a sua juventude.

Ao tempo ele disse em uma magnífica crónica, do que foi aquele mês, durante o qual todos os seus rapazes passaram pela praia. Serviu-lhes de tecto uma escola desocupada pelas férias. De mobília remediaram-se ao modo de acampamento. De peixe foram pródigos o mar e os pescadores. E do resto também, graças a Deus. Em Mira, na Senhora da Piedade e na Ericeira manteve-se a tradição. *Aqui* em condições cada vez mais precárias. Vamos a ver se a generosidade do Senhor desperta e põe nas mãos de P.e José Maria os meios suficientes para ele erguer uma casa abrigo para os rapazes do Tojal que em turnos passarão por lá ao longo de dois meses de estio.

O «Gaiato» e as nossas Edições

Este capítulo não nos pertence. Nós não podemos dizer do *Famoso* senão pelo que nos diz quem o saboreia e faz dele alimento espiritual.

Por nós, apenas podemos confessar a nossa insipiência; a nossa impreparação; o turbilhão de ideias, de sentimentos, de preocupações que nos fazem rodopiar, tantas e tantas vezes, à hora de o escrever. Mais devemos declarar que a maior parte das quinzenas nos sentamos à secretária premidos pela urgência dos pedidos de material, que nos vêm da Tipografia na hora de compor o jornal.

Sentamo-nos... sem uma ideia, sem *saber* o que escrever; sabendo apenas que *devemos* escrever. Invocamos o Espírito Santo. Às vezes, temos de repetir a invocação. Depois..., escrevemos.

E ao chegarem os ecos dos leitores, temos de reconhecer e render glória a Deus, *in spiritu humilatis et in animo contrito*, porque a graça da inspiração não foi, é.

Temos de reconhecer que Deus quer «O Gaiato» tal qual é, por servir melhor assim o

Seu desejo de misericórdia.

«Eu não quero a morte do pecador, mas sim que se converta e viva».

E «O Gaiato» é isto mesmo: despertador de conversões e vivificador depois delas. É a essência de todos os testemunhos que nos chegam, os quais se podem resumir por estas palavras de um leitor: «tem sido através das suas páginas que tenho aprendido a ser menos egoísta».

Se é verdade que: a plenitude da Lei é o Amor..., só nEle coincidem a Verdade e a Vida — aí a temos nós o «desordeiro» revolvendo as almas e plantando nelas a Eternidade.

Daí o seu sabor, a sua perene novidade, a contradição do doce no amargo... O Amor não foi, nem passa, nem fatiga. Quanto mais se experimenta, mais se radica em nós.

Quem nos dera já termos atingido os 50.000 assinantes para iniciarmos a escalada dos cem, e continuarmos até àquele limite ideal de cada família com o seu Jornal!... Se ele tem feito tão bem aos que o conhecem, que possibilidades lhe não sobram de realizar mais bem!

CONTAS

Eis o fulcro de qualquer Relatório. Seja ele um Banco, uma grande Empresa Industrial, seja um Estabelecimento de Assistência, ou mesmo uma Instituição de Caridade — é para aqui que converge tudo quanto se disse antes; é daqui que se parte para o resto das considerações.

Nós não sabemos. Mais. Não queremos saber.

Este capítulo vai, para não ser o escândalo total da ausência. Mas não diz nada senão isto — que é tudo afinal!: *veio tanto quanto foi preciso gastar*.

O orçamento para o ano próximo diz-se também em poucas palavras: *virá na medida em que Deus quiser que nós realizemos*.

P.e José Maria, do Tojal, foi o que mais sofreu as dificuldades de meios. Viu muitas semanas no fim sem ter que pagar os salários. Viu chegar muitos fins de mês e muitas facturas para liquidar.

Se lho perguntassem agora, ele responderia que não sabe como foi. Mas a verdade é que tudo se encontra liquidado.

«O fundamento da Obra da Rua é a sua pobreza». A confiança providencial a mais segura garantia da nossa Paz.

Calvário

O fruto mais notável e mais consolador do «Calvário» é a doutrina que tem espalhado, os discípulos que já fez, a conversão da mentalidade que operou — a ponto de já serem muitos, hoje, os que, interessados pelos problemas de assistência, se debriçam sobre os incuráveis pobres, em busca de lenitivo para o seu sofrer.

Soubemos, ainda não há muito, de um estabelecimento oficial que se está erguendo, cuja intenção é a mesma do «Calvário». Até o nome que lhe escolheram revela uma delicadeza que não tem nada a ver com a Burocracia. Bendito seja Deus!

O «Calvário» de Beire dá os seus primeiros passos após um ano e meses de funcionamento efectivo. Cresceu muito em 1959: A passar de trinta doentes na maioria cancerosos e paralíticos, fora os que já preparou para o Céu, cujo trânsito se teria feito, logicamente, em desespero.

Sendo o «Calvário», por excelência, um lugar de Cruz, impressiona a serenidade que nele se colhe — como nos deu a entender este desabafo de um sacerdote cheio de zelo que há pouco o visitou: «Ainda me não saiu a impressão colhida no «Calvário»! Na primeira oportunidade irei lá passar um dia de retiro».

E outros enamorados vão surgindo, embora ainda não tivesse aparecido a Senhora qualificada que se disponha a «perder a vida para ganhar a Vida», juntando-se à única que já se encontra ali, servindo Cristo nos Seus membros mais carecidos de carinho.

Padre Baptista tem trabalhado como um valente. Aos cuidados que lhe exigem: a Casa do Gaiato de Beire, com 50 rapazes, quase todos débeis mentais; o «Calvário», com seus trinta doentes, dos quais os homens todos pesam só sobre ele — junta a sua habilidade para as obras e alindamento e tem tornado Beire um recanto de beleza, a qual é um dos elementos a criar aquele ambiente de serenidade de que falei acima.

Acabaram-se as três casitas para doentes que há um ano estavam a terminar. Está no seu termo outra, para nove cancerosos e sua enfermaria, feita com todas as regras que P.e Baptista tem visto e discorreu. A Casa-Mãe foi ampliada quanto foi possível e mesmo assim a experiência tem-na revelado pequena. Fez-se mais uma capoeira-corte, onde alguns dos doentes mais válidos se entretêm na criação de galinhas e patos, pombos e coelhos, e um suíno; muros de vedação e seus portões. A alameda das velhas carvalhas tornou-se um parque aprazível em qualquer parte. Até um pequeno lago, a que só falta um casal de cisnes para realizar todo o projecto de P.e Baptista. Quem lhe

dá os cisnes, para os doentes se entreterem com suas evoluções no pequenino lago?

O problema de ocupação dos doentes capazes de algum trabalho útil é o número 1. Não só para efectivar o nosso princípio de não passividade: «Obra de doentes, para doentes, por doentes», mas sobretudo para que estes encontrem na validade que ainda lhes resta, a alegria de se sentirem úteis a si e ao próximo.

É ver as doentes acamadas, de agulha na mão a pontear, ou de agulhas a tricotar. E as que se levantam, na cozinha, nas limpezas, na rouparia, no cuidado dos animais domésticos. E eles, jardinando, limpando as ruas, carpinteirando, escolhendo cereais, ajudando-se uns aos outros e a Padre Baptista no tratamento dos mais doentes. Há-os que são meninos grandes a quem é preciso tratar ao colo, lavar, pôr de enxuto!...

Mas crescendo o número de doentes, surge a necessidade de outros motivos de ocupação. P.e Baptista iniciou a actividade de uma pequena vassouraria. E

pensa em uns teares caseiros, para algodão, linho e para tapetes e mantas de trapos. Quer os teares, quer lembranças de outras ocupações — eis um modo concreto de auxiliar o «Calvário».

Pensa-se em aumentar a lotação, no ano próximo, de mais quarenta camas, para outros tantos paralíticos de ambos os sexos, em casas adequadas ao seu mal.

É preciso uma outra casa para serviços centrais: médicos, um centro de distração e instalação de aquecimento. São as necessidades mais urgentes. Mas quão dispendosas! Ora o «Calvário» quando começou já estava na conta dos milhares. Agora que já está servindo, não há-de deixar de encontrar os outros milhares que faltam para poder atingir toda a sua medida de assistência.

Por isso que venham muitos conhecê-lo. Daí a amá-lo vai um passo...

A graça de Deus fará o resto: Ao abrir dos corações segue-se o das bolsas.

E um tal abrir irmanará na mesma felicidade os que derem e os que vierem a receber pelo tempo em fora.

Património dos Pobres

NÃO é a primeira vez que tal se diz nestas colunas. Mas eu creio que, ao fazer o balanço do movimento do Património dos Pobres ao longo de um ano, fieis ao nosso espírito de que «vale mais o espírito do que a letra», nunca seremos capazes de não começar por aqui.

É notável, mesmo impressionante o que os números nos revelam. Nós experimentamos a surpresa em nós e tornamo-la a experimentar quando a revelamos aos outros.

Faz anos em Abril que eu vi as primeiras casas a subir no lugar de Esmegilde desta paróquia de Paço de Sousa. Foi em 1951 se não me engano. Pois o Abril de 1960, se as contas não estão erradas, verá a 2.000.^ª, ou andar, ao menos, por muito perto.

Quem poderia dizer? Quem se atreveria a prometer? Louco — era o nome adequado a quem tivesse tal ousadia! Pois o impossível é. E isto sem planos nem financiamentos, nem grandes contribuições do Estado ou dos poderosos do século! A percentagem deste na acumulação dos fundos perde-se diante das migalhas, «que também são pão».

E aqui temos nós a grande obra, a obra primeira do Património dos Pobres: instrumento admirável de eficácia no acordar e formar das consciências dos cristãos.

Se multiplicarmos 2.000 por 20 contos, que é o preço médio nacional das casas, temos uma soma de 40.000. Mas como foi possível? Pela Fé! Pelo estabelecimento daquele louco princípio de Pai Américo (louco para

os sábios deste mundo!) de que os meios necessários para fazer Justiça, é a própria urgência dos que têm fome e sede dela, quem os acarreta.

E as suas contas aí estão a dizer da verdade deste princípio. Ele nunca nos deixou ficar mal, nem a nenhum dos discípulos da mesma loucura, que graças a Deus, fez escola por esse Portugal além.

Ora leiam lá essa confissão de uma vicentina (e quantos e quantos testemunhos idênticos?):

«Todas as noites lio doutrina do Pai Américo e nela vou arranjando força para o dia a dia. Sabe? Obrigaram-me a arranjar os 9 contos que faltavam para as últimas casas e queria arranjar em 4 horas. Arranjei-os em 24 e depois já não os

queriam aceitar porque não foi no prazo marcado. Nosso Senhor deu-me força para aceitar isto com calma e riso. Nessa tarde tive reunião e com grande surpresa e sem esperar entraram na Conferência 4.183\$00! Já paguei os 9 contos e já tenho no banco 1.600\$00 e os 3.000\$ que nos tinham dado no Tojal.

Estou proibida de continuar enquanto não tiver a verba completa. Eu estou calada, vou arranjando e quando chegar a hora do Senhor querer mais casas elas vão para o terreno tenho a certeza. Ele tudo pode!

E só mais esta de um Pároco:

«Andava preocupado porque devo à volta de cento e vinte contos.

Nunca devi tanto na minha vida...

Hoje recebi uma carta da Fundação Calouste Gulbenkian a anunciar-me que me pagará os materiais até 120 contos.

Fiquei muito contente e já agradeço a Deus...

Qualquer auxílio que me possa vir da Obra da Rua será sempre bem vindo e bem aplicado. No entanto, se precisar de estimular outros mais necessitados, não deixe de o fazer. Basta o que nos tem feito para nos considerarmos filhos da grande Obra do Pai Américo.

Mas há outros aspectos que são importantíssimos no Património — assim lhos saibam encontrar.

Ele há Párocos que, além de aproveitarem todas as oportunidades para realçar os laços do Património ao Altar, onde nasceu, procuram em cada entrega de casas, uma maneira nova de o fazer, não pela ânsia de novidade, mas pelos efeitos pedagógicos em que a Caridade é fértil.

Assim: é uma profissão de Fé das crianças seguida da profissão de Caridade que é elas irem da Igreja, como que em acção de graças, fazer entrega de casas aos filhos das Famílias abrigadas...

E outro que faz a entrega das chaves ali mesmo aos pés do Altar no acto da oferta do pão e do vinho...

E aquele que concretizou uma entrega como ele próprio dá conta por esta circular:

«Não sei que inspiração me levou a fazer, com os estudantes de X, uma festa de abertura de aulas.

É ocasião de nos conhecermos a todos e de cimentarmos aquela amizade que deve unir a juventude escolar da mesma Paróquia, no momento em que se apresenta em perspectiva um ano lectivo com surpresas, entusiasmos e (oxalá que não!) desânimos e desalentos. As boas amizades cultivam-se na vossa idade.

Lembrei-me de vos juntar a todos no Salão Paroquial, junto de um altar onde celebrarei a Santa Missa a pedir a Deus muitas bênçãos para durante o ano escolar, onde receberei das vossas mãos ofertas para os pobres, e onde colocarei na patena do Sacrifício as vossas ansiedades e trabalhos.

Teria muito gosto e prazer em entregar pelas vossas mãos as

chaves de duas casas, a duas famílias pobres. Não faltes. Onde estiver a juventude escolar e académica de X deveis estar também tu. Bom seria que interessasses também os teus pais. A presença deles completa esta reunião de família».

Se o Património dos Pobres apenas fizesse casas, já era tanto! Mas isto? Este ensinamento experimental da Caridade feito a crianças e adultos — ensinamento de sua natureza reprodutiva — que dizer dele?

Ora isto, sobretudo isto, é que é o Património dos Pobres.

★
As 264 freguesias onde se trabalhava no Património até ao fim de 1958, há a juntar mais estas:

Alfeizerão — Alter do Chão — Arganil — Bilhó (Mondim de Basto) — Boelhe — Caires (Amares) — Cativeiros — Fonte Arcada (Paço de Sousa) — Leça do Balio — Mogadouro — Mondim de Basto — Mosteirô (Vila da Feira) — Paredes da Beira — Perre (Viana do Castelo) — Regueira de Pontes — S. João das Lampas — S. João de Lourosa (Viseu) — S. Vicente (Madeira) — Santa Maria de Ancora — Torredita — Vila Nova (Miranda do Corvo) — Vila Nova de Mil Fontes — Vilar (Cadaval).

E não esquecer que a maioria das outras não tem dormido sobre os louros, antes faz das casas já construídas o título de responsabilidade de construir mais até às «tantas quantas...» que é a condição de equilíbrio que a satisfação da Justiça dá.

A maior parte das dificuldades locais filia-se na falta de terreno.

No Relatório da Assistência Paroquial de uma freguesia próxima do Porto, que já tem a oferta de 15 contos, lamenta-se não ter sido possível ainda começar, porque «não conseguimos terra no para edificar a primeira casa do Património, pois não nos é permitido comprar para o efeito e por isso ficamos à espera que surja qualquer dedicação que nos permita realizar aquele objectivo».

O nosso sonho era construir casas do Património para albergar os nossos pobres socorridos mas as dificuldades são tantas que estamos em crer que jamais concretizaremos esse sonho. Pode ser que apareça alguém que nos ajude a remover as dificuldades que, de momento, são insuperáveis. Chegamos a oficiar à Direcção de Urbanização do Porto nesse sentido mas não obtivemos resposta e não insistimos pois não tínhamos terreno para construir».

Quanto a nós, começamos o ano passado quase sem dinheiro. Assim estivemos sempre durante ele, «vendo o fundo aos fundos», como dizíamos brincando. P.e Horácio e eu chegámos a passar cheques à vez, para não

continua na página quatro



RELATÓRIO de 1959

continuação da página três

sucedem que não tivessem cobertura. Das mãos do Sr. Ministro das Obras Públicas vieram 300 contos. Pelas nossas, ao todo, passaram 1.392.775\$80 dos quais 1.076 contos foram para o Património e 20.000\$00

para a Auto-Construção. Ninguém nos pergunte como foi. Nós somos os primeiros a ajoelhar diante do Mistério do «primum regnum Dei». «O resto vem por acréscimo».

Pequenos auxílios

Aqui, sobretudo, é onde nós conhecemos melhor o coração paternal de tantos e tantos Parócos.

Procurarem o problema dos seus e sofrerem-no como é próprio dos Pais. E extraiam as soluções desse sofrimento, voluntariamente abraçado na simplicidade de quem cumpre o seu dever de estado.

Que belezas nos tem sido dado contemplar!

Padres que estudam os casos de cada um dos seus paroquianos. Vêem a maneira de conseguir o máximo com o mínimo de recursos. Ajudam eles mesmos. Avalizam a Obra com a sua autoridade. Governam o pequenino pecúlio que se consegue juntar... E fazem milagres — que o tempo deles ainda não passou!

E ainda por cima, sabendo dos muitos cuidados que pesam sobre nós; e tendo firmado os seus créditos, por via da sua presença consciente nos casos que apresentam (e não apenas informam ou declaram!) — poupam-nos imenso trabalho na posição esquemática dos dados e na sugestão inteligente das soluções.

E eles vão pedindo sem se envergonhar de pedir. E nós vamos dando sem nos cansarmos de dar. E é como o azeite da viúva de Sarepta: Quanto mais se tira, mais há.

Aqui vai um exemplo: «Chama-se A. R.. Este homem é muito pobre, mas não tem hábitos maus. Estava numa casa arrendada, e foi despedido, em virtude do proprietário da casa precisar dela. Aqui não há casas para arrendar o que acarreta grandes aflições aos pobres. Ora ele pretende fazer uma casita, e para isso, com esmolas, já se lhe arranjou um terreno pequeno onde pode fazer a casa. Já algumas pessoas lhe deram uns paus de castanho e pinho para a ajuda da casita. Tenho-me interessado muito por ele, pois é uma esmola e é essa também a minha missão. (O sublinhado é nosso). Interesse-me por ele, como me interesse por qualquer outro, nas mesmas circunstâncias.

Com o seu esforço, trabalho e boa vontade, e também com as esmolas das algumas pessoas, deve-se-lhe arranjar uns três mil escudos. Pedia ao Sr. Padre Carlos o favor e a esmola de

lhe dar dois mil escudos, pois com cinco contos já se lhe faria uma casita».

Outro grande valor destes Pequenos Auxílios é o factor de desproletarização que eles apresentam. Famílias que nunca poderiam pensar em ter uma casinha conseguem-na, graças à solidariedade que as cerca. E para além da casa fica um valor concreto de fraternidade que não mais é esquecido.

Ainda há pouco numa paróquia minha a primeira família ajudada à sua casinha levanta-se ela mesma a estimular outras e a prestar-lhes o seu concurso.

Ah! que se a invocação do mesmo Pai que está nos Céus, se traduzisse cá na Terra em fraternidade palpável entre os homens — como seria outro este pobre mundo que é o nosso!

Voltámos com novos pequenos auxílios a muitas das paróquias onde já estávamos presentes os anos passados.

E de novo aparecem-nos mais estas:

Aguiar de Sousa—Alfândega da Fé—Amarante (S. Gonçalo) — Assafarge — Barrô — Bilhó (Mondim de Basto)—Bitarões (Paredes)—Cabeça Santa — Covas do Douro—Caires (Amares) — Canhas (Madeira) — Caria (Vila da Rua) — Carrizado de Montenegro — Carvalhosa (Paços de Ferreira)—Casais e Nespereira — Celeirós (Braga) — Cete — Coimbra — Crespos (Braga) — Donim (Caldas das Taipas) — Ereira (Cartaxo)—Feira Nova (Amares) — Ferreira (Paços de Ferreira) — Ferreiros (Braga) — Fontelo de S. Domingos — Freamunde — Galegos (Outeiro) — Gandra (Baltar) — Louredo da Serra — Maximinos (Braga) — Meda — Murte de (Cantanhede) — Nevogilde (Lousada) — Oldrões (Calçada) — Ordins (Lagares) — Paços de Ferreira — Padronelo (Amarante) — Parada Todeia — Parede — Paredes — Pedralva (Braga) — Pena Maior (Paços de Ferreira) — Ponta do Sol (Madeira) — Ponte do Gôve — Provezende — Rans (Penafiel) — Recarei — Reveles—S. José de S. Lázaro (Braga) — S. Pedro (Sintra) — S. Salvador de Briteiros—S. Vicente (Arelas)—S. Vicente do Penso (Braga) — Santa Maria de Bouro (Amares) — Sebolido — Sequiade (Barcelos) — Setúbal — Sobreira (Douro) — So-

breposta (Braga) — Tojal (Louses) — Urrô (Paços de Sousa) — Valpedre — Vila Frescainha — Vila Verde (Figueira da Foz) As fatias pequeninas, mas muito bem partidas e repartidas de 1.000, 1.500 e 2.000, totalizámos 252 contos distribuídos.

À média de 1.500, temos 168 famílias abrigadas.

Valor insignificante! — dirão os homens, dos grandes números, olhando as estatísticas que dão mais de 200.000 famílias em Portugal com habitações indignas do nome de Lar.

Se um Pároco-Pai, em cada paróquia, fosse fermento a levedar a massa, fazendo dos seus paroquianos, verdadeira cristandade, aí tínhamos nós os grandes problemas resolvidos desde pequeninos, na realização da penitência autêntica, que é revolução de dentro para fora.

CHALES DE ORDINS

De Lisboa, uma carta, onde transparece, logo na primeira linha, a alegria: «devo a Deus a graça de me ter nascido a 5.ª Neta!». A fecundidade — «crescei e multiplicai-vos» — é lei santa data aos que se uniram no Senhor para colaborar com Ele na criação. A vida é sempre um dom, uma graça de Deus.

Colaborar, se enobrece o homem, exige dele a virtude para se alegrar, sempre que o Senhor lhe dá a graça de mais um filho. Ateorizam-se os descrentes com o aumento da população, temendo não ter deixado Deus reservas alimentares para tanta gente e preconizam a limitação dos nascimentos. Não é a lei de Deus que está mal, nem pode algum dia estar sujeita ao controle ou beneplácito dos homens. Se dois terços da Humanidade passam fome, tal é devido, apenas, à deficiente e injusta distribuição dos géneros e riquezas do mundo. O egoísmo faz morrer de fome um nosso vizinho e ver a Nação como tendo fim em si mesma, sendo as outras, meios para atingir tal finalidade. Filia-se no mesmo preceito da caridade o amor entre os indivíduos e as nações. Após vinte séculos de cristianismo, os homens não aprenderam, ainda, a amar-se, pelo que egoístamente querem estancar as fontes da vida.

Mas a carta continua: «a cada uma das quatro primeiras netas ofereci, em tempo, um chale dos pequenos, na cor branca, feitos em Ordins. Além destes, adquiri 3 dos grandes». Ditas estas linhas a alma inundada pela alegria do bem que vai fazendo, executando a lei fraterna do amor. Não há nisto vaidade.

Passou o Natal e baixaram as encomendas. Não obstante, Jovim veio por cá há dois anos.

PELAS CASAS DO GAIATO

LAR DE LISBOA

Amigos leitores.

Estimo que tenham recebido as minhas notícias com agrado; pelos vistos há alguém que não tem gostado muito das notícias do futebol do nosso Lar.

Amigos, não se zanguem, que desta vez vou dar mais notícias nas quais entra um pouco de futebol. Mas primeiro é:

O que nos dão no nosso Lar.

Era já quase noite quando tocaram à campainha. Fui abrir e encarei com um senhor, que me disse:

—Olha, vai aqui fora que eu tenho uma coisa para vos dar. Eu segui o senhor que se encaminhou para o seu carro no qual se encontravam duas senhoras ao ver as quais pensei: devem ser mãe e filha. E continuando disse-lhe:

—Tira aquela cesta e leva-a, despeja-a e volta a trazê-la.

—Sim senhor respondi-lhe. Dentro de momentos tinha a cesta entregue e perguntei:

—Qual é o nome do senhor para

pôr no nosso famoso quinzenário? Ele me respondeu:

—Não quero que ponham no jornal o meu nome. Mas, como eu já estou prático nestas coisas, respondi prontamente:

— Sim senhor, muito obrigado e dei os meus olhos ao carro e vi que ele se identificava pela seguinte matrícula: E P — 15 — 14.

A malta chega dos seus trabalhos e exclama:

—Eia... pá quem foi que nos deu tanta carne? Eu respondi:

—Sei tanto como vocês, mas se quiserem saber mais alguma coisa, esperem pelo jornal.

Temos tido várias dádivas em dinheiro, mas pouco de cada vez.

O dono da padaria donde nós gastamos deu-nos mais pão, o que já não é a primeira nem a segunda vez, mas também esperamos confiante, que não seja a última. De vez em quando também nos dá 500 escudos.

E vamos lá ao futebol.

Falam agora os autores dos golos contra o Gaiato do Tojal.

Edgard cap. e guarda-redes. — 1.º Senti bem a alegria da vitória pelo facto de ser alcançada sobre a aguerrida equipe do Tojal um digno adversário, onde só lhes falta conjunto que equipe têm eles.

António José — 2.º — Estou muito satisfeito pela vitória que alcançamos sobre o nosso rival de todos os tempos. A maior alegria que senti durante o encontro foi quando surgiu o nosso segundo golo, pois ele já trazia a marca da vitória e era o que todos esperavam desde o início do grande encontro.

Natalino — 3.º — Mas este invadido pelo árbitro, diz o que segue: Sinto-me envergonhado pelo pequeno resultado que obtive. Ofereço a minha vitória a todos os leitores das edições da «Obra da Rua».

Amáveis leitores, informando em última hora que no domingo dia 21 do 2 de 1960, a nossa equipe de futebol perdeu com os «Selecionados» em Campo de Ourique, por 4—3.

Agostinho Coelho (Lampreia)

TOJAL

— Desde há muito que se não ouve falar nada mais senão em irmos ao Império.

Os mais pequenos enchem o ar que nos dá vida. Prescindindo do amargo, para eles tudo tem de ser doçura.

Os mais autoritários sempre activos decidem o caso: — Tu, tu e tu não vão; aqueles podem ir se...; mas eu vou.

Os mais pacíficos e bonacheirões, perdidas as esperanças, rodeiam o Cándido a rogar-lhe uma peçazinha a representar...: «eu também quero ir».

O mais persistente destes é o Espanhol. Se tudo fosse como as poesias dele o que seria a festa do Império. Vejam uma delas:

No alto daquela serra
Está uma velhinha
Com a faca a partir
Pão para a filhinha.

—Oficinas muito ocupadas. Carpinteiros recebem já não ter madeiras para os remendos das janelas quase todas podres.

Na Tipografia trabalho não falta. Cándido pediu já mais funcionários. As máquinas que estão não dão para as encomendas sempre crescentes e de grande calibre. Sr. Padre José Maria está resolvido a comprar mais uma que poupe o tempo de um mês por oito dias. A máquina ficará por 224.000\$00. Sr. Padre ao saber o preço morde amedrontado o beijo. Tem de vir, realmente. Cá a esperamos.

Casa de Jesus Misericordioso
Ordins—Lagares—Douro

Padre Aires

José do Porto

